

O BICHO VERDE

ENSINOU

O PAPÁ A

COZINHAR

RITA JOANA

ZITA PINTO



kinder





TÍTULO

O bicho verde ensinou o papá a cozinhar

TEXTO

Rita Joana

ILUSTRAÇÕES

Zita Pinto

REVISÃO CIENTÍFICA

Equipa do projeto KINDER, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

REVISÃO LINGÜÍSTICA

Sofia Silva

ISBN

978-989-8847-55-3

DEPÓSITO LEGAL

515647/23

IMPRESSÃO

Empresa do Diário de Minho, Lda.

1ª EDIÇÃO

Maio de 2023

TIRAGEM

100 exemplares

©Reservados todos os direitos

Centro de Estudos Sociais da
Universidade de Coimbra
ces.uc.pt

ESTE LIVRO FOI DESENVOLVIDO COM O APOIO FINANCEIRO DO PROGRAMA DIREITOS, IGUALDADE E CIDADANIA DA UNIÃO EUROPEIA (2014-2020) NO ÂMBITO DO PROJETO “KINDER - TACKLING GENDER STEREOTYPES IN EDUCATION AND EARLY CHILDHOOD: BUILDING A GENDER-RESPONSIVE PEDAGOGY IN CHILDREN’S EDUCATION” (GA 101005800).

OS CONTEÚDOS DESTES LIVROS SÃO DA EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DAS AUTORAS E DA EQUIPA DO PROJETO KINDER. A COMISSÃO EUROPEIA NÃO ACEITA QUALQUER RESPONSABILIDADE PELO USO QUE POSSA SER FEITO DA INFORMAÇÃO QUE CONTÉM.

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS COLÉGIO DE S. JERÓNIMO LARGO D. DINIS APARTADO 3087 3000-995 COIMBRA, PORTUGAL

O BICHO VERDE ENSINOU O PAPÁ A COZINHAR



Rita Joana
Zita Pinto

PREFÁCIO

Durante a pandemia de COVID-19, o conceito e práticas de cuidado adquiriram novos sentidos e urgências. Não apenas o cuidado prestado por profissionais de saúde, mas também aquele que é feito todos os dias por famílias, pais, mães, educadoras/es e cuidadoras/es informais.

A vivência intensa desta pandemia trouxe-nos desafios individuais e coletivos acrescidos, e foram muitas as incertezas, preocupações e medos vividos também pelas crianças. Medidas como o isolamento social tiveram impactos na relação com a escola e profissionais de educação, grupos de amigos/as, mas também no contexto familiar. A ausência de relações de proximidade, de abraços e de liberdade encabeçaram a lista das consequências desse período. Encabeça também esta lista aquela a que se chamou de “pandemia sombra”, com a exacerbação da violência intrafamiliar e o acentuar das desigualdades de género, com uma sobrecarga das mulheres que, além de manterem o seu trabalho formal e remunerado, assumiram grande parte do cuidado familiar e doméstico.

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto KINDER¹— centrada na persistência de estereótipos de género desde a mais tenra idade nos sistemas educativos e familiares — atravessou o período pandémico e permitiu-nos aprofundar o conhecimento sobre os desafios que profissionais da educação enfrentam para responder às necessidades específicas de raparigas e rapazes, e promover processos transformativos de ensino e aprendizagem nas escolas a partir de uma perspectiva inclusiva e equitativa.

O projeto KINDER tornou-se, assim, numa oportunidade única para analisar a reprodução e transmissão de estereótipos de género desde os jardins-de-infância ao segundo ciclo do ensino básico, em Portugal, e contribuir para a construção e implementação de uma pedagogia transformadora de normas rígidas de género dentro e, principalmente, fora da academia, nos lugares onde aprendemos a tecer outras práticas de cuidado mais equitativas, seja em contextos educativos, ou em contextos familiares.

Por que não oferecermos, então, uma história que represente e celebre as relações de corresponsabilidade e de cuidado, as que existem e as que podem existir, nas quais homens cuidam e realizam atividades essenciais para a nossa sobrevivência, e que enfatizem o cuidado?

A história “O bicho verde ensinou o papá a cozinhar”, escrita por Rita Joana no contexto pandémico para crianças, percorre alguns destes desafios, e propõe, a partir de um momento situado no tempo, de uma nova doença que deixou o mundo “de pernas para o ar”, educar as crianças e quem delas cuida, sem estereótipos de género, mostrando como pode ser fácil figuras parentais e cuidadoras serem corresponsáveis e equitativas na educação e no cuidado das crianças e do espaço que habitam. Esta história alerta para as necessidades de empatia, cuidado e atenção permanentes que, por vezes, parecem invisíveis mas sem as quais não podemos viver.

No panorama nacional existem diversos livros e materiais educativos para a infância, desenvolvidos no âmbito da educação inclusiva e igualdade de género. Fazem parte, aliás, das recomendações do projeto KINDER, na sua ludoteca. Não é nosso objetivo sobrepor-nos aos seus contributos valiosos. Esta pequena história é parte das nossas vivências, como mães, cuidadoras, professoras e investigadoras, e este livro infantil é o nosso contributo para a construção de um mundo pós-pandémico que seja feito de progressos e não de retrocessos, e mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.

Tatiana Moura
Sofia Gonçalves
Patrícia Ferreira

Nota da Autora

O meu nome é Rita Joana. Sou uma das 800.000 Cuidadoras Informais não reconhecidas em Portugal. Falo no feminino porque, apesar de existirem cuidadores no masculino, as mulheres perfazem 80% deste número.

Temos uma história de atribuição obrigatória de cuidados à mulher. Somos valorizadas sempre pelo sacrifício, pela abnegação, pelo sofrimento, por abirmos mão de nós em prol do outro e/ou da família.

Não nos é dado o direito de existirmos enquanto indivíduos.

Esse direito é-nos negado por um Estado que é omissivo nas suas obrigações sociais, que insiste em apostar na institucionalização (mesmo quando sabemos que esta tem uma qualidade deficiente, um paradigma ultrapassado e desumano e requer um poder pecuniário que a maioria da população não possui) e por uma sociedade deseducada para a equidade familiar e doméstica.

Quando a pandemia obrigou as famílias ao confinamento, esta realidade explodiu. As mulheres que tinham responsabilidades profissionais regressaram nas suas carreiras, viram a sua saúde física e mental piorar consideravelmente e muitas revolucionaram as suas relações.

A verdade é que a acumulação absurda e insuportável de tarefas torna inconcebível que se continue a permitir esta exploração. A mulher não é uma máquina que possa assumir papéis infundáveis para o bom funcionamento social.

Muitos homens que já se haviam consciencializado desta questão ganharam novo ímpeto, durante a pandemia, e passaram palavra.

¹ kinder.ces.uc.pt

*Vivemos uma revolução ainda em semente e que só poderá crescer através da educação.
Os papéis do cuidado não têm género e as crianças têm de beber isso mais cedo do que nós.*

Ao escrever este texto, não me dei conta da quantidade de estereótipos inconscientes que trago. Foi trabalhando com a equipa multidisciplinar do projeto KINDER, do Centro de Estudos Sociais, que fui atingida pelo choque e pela humildade do tanto que estou influenciada e que quero modificar.

Espero que, com uma palavra de cada vez, sejamos capazes de proteger cada criança, cada mulher das dores de não poderem ser... apenas um ser humano.

Rita Joana

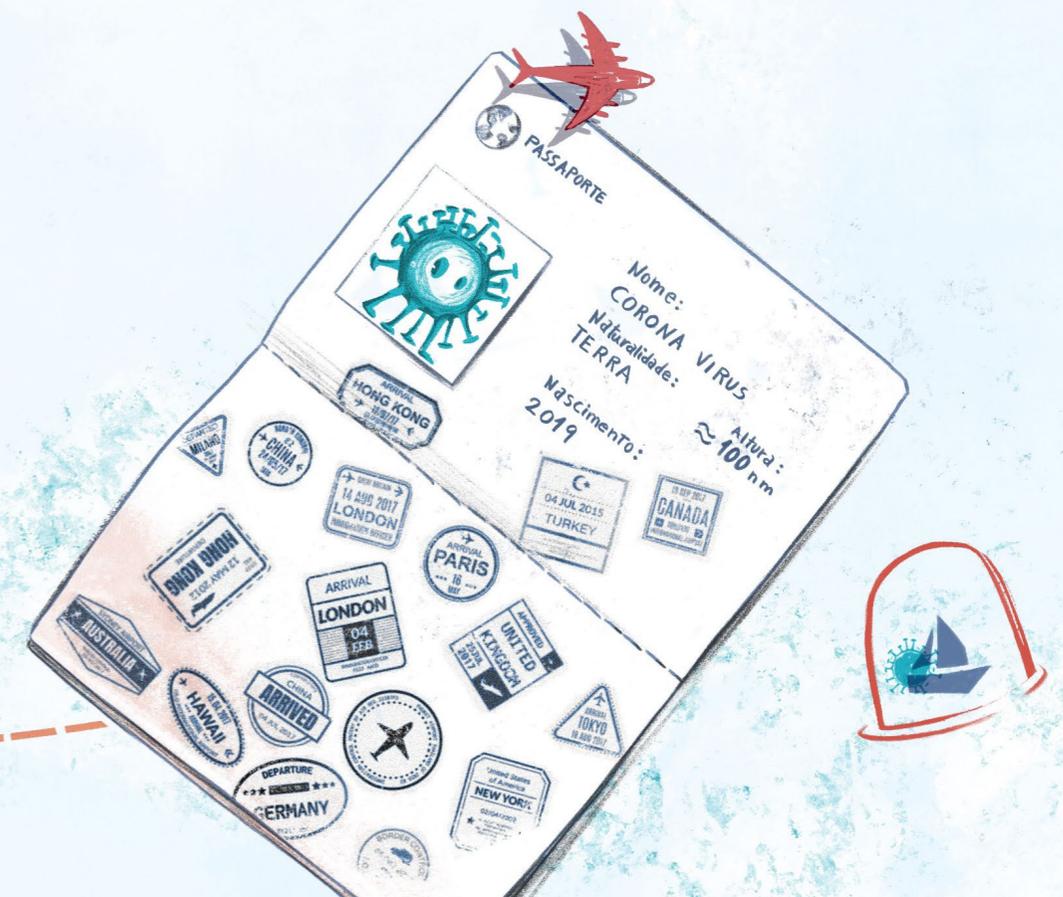
O BICHO VERDE
ENSINOU
O PAPÁ A
COZINHAR





O papá e a mamã sentaram-me no sofá com um ar muito sério.
Aquele ar de quem vai ter uma conversa de gente crescida.

“Sabes, Laurinha... há um bichinho verde a viajar pelo mundo. Esse bichinho faz com que as pessoas fiquem com febre e com muita tosse.”



“Viaja de pessoa para pessoa através da nossa saliva.
E, enquanto ele conhece todas as cidades do planeta,
nós temos de ficar em casa para lhe atrapalharmos a
viagem.”

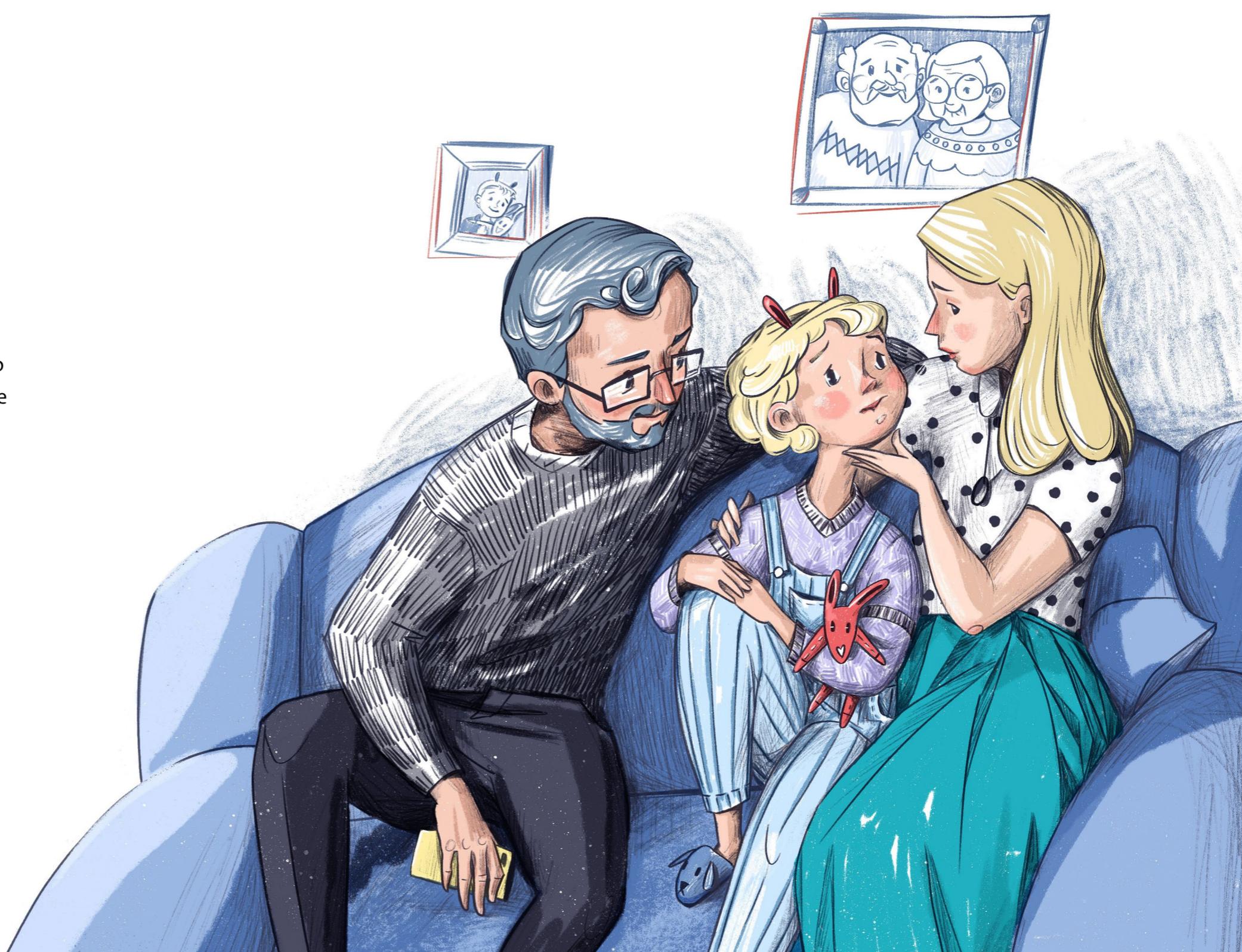


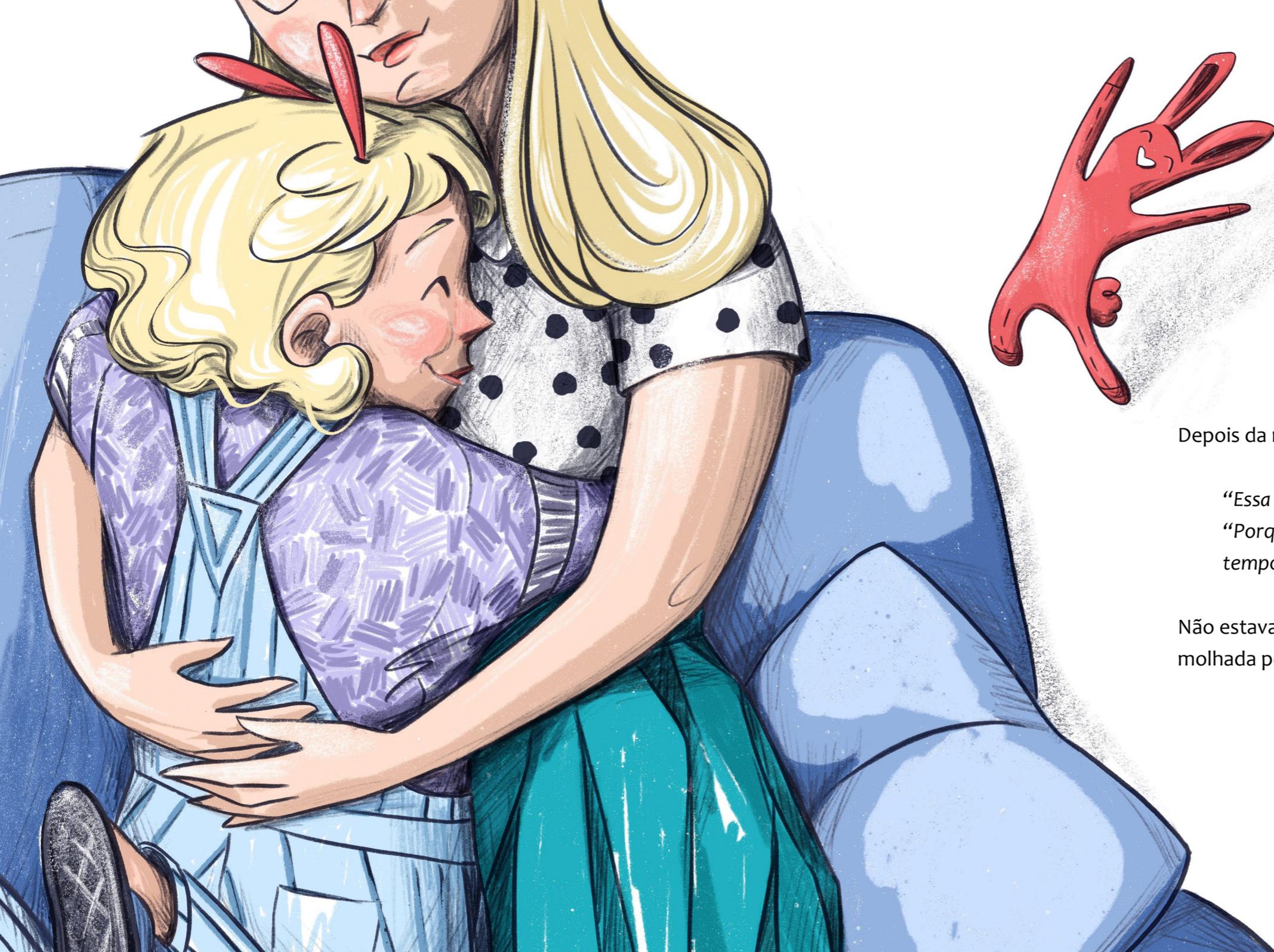
Eu já sabia que este bichinho não era nosso amigo,
e que se nos encontrássemos com ele, eu e a minha família
poderíamos ficar doentes.





Mas resolvi escutar em silêncio o que o pai e a mãe tinham para me dizer sobre as mudanças que aí vinham.





Depois da nossa conversa, dei um grande abraço à mamã.

“Essa agora! Porque é que me estás a abraçar?”

“Porque vais ficar mais tempo em casa... Já há muito tempo que não brincamos em família.” – respondi.

Não estava a chover nesse dia... Mas fiquei com a cabeça toda molhada porque dos olhos dela caiam grandes lágrimas.



Os dias estavam diferentes.
Já ninguém ia à escola e eu falava com a minha melhor amiga, a Madalena,
pelo computador.



A mamã apanhou a Covid-19 (era o nome da tal doença que o bicho verde passa às pessoas) e teve de ficar sozinha no quarto durante alguns dias, até ficar bem.



“Olá Madalena. O que vai ser o teu almoço?” – Vi o senhor Manuel, o pai da Madalena, aparecer no ecrã com uma colher de pau a escorrer um molho vermelho.
“O teu pai cozinha?” – perguntei espantada.
“E muito bem!” – respondeu o senhor Manuel.

A mãe da Madalena é enfermeira e cuidava das pessoas que chegavam doentes ao hospital. Para não passar o bicho verde à sua família, ela não podia vir a casa... a Madalena e o Sr. Manuel estavam cheios de saudades dela!

Assim, era o pai que fazia tudo lá em casa. Aspirava, cozinhava, organizava o que faltava na dispensa: tudo o que fosse preciso!



No início achei estranho, porque o meu pai nunca fez essas tarefas cá em casa...

“Com quem estás a falar, Laura?” –
perguntou um dia o papá, ao ouvir a voz do
senhor Manuel.



“Comigo... Sou o pai da Madalena!”

Nesse dia, o meu pai e o pai da Madalena ficaram amigos.



Como nunca gostei de pizzas, nem de hambúrgueres e de coisas dessas que entregam em casa, o senhor Manuel desafiou o papá a aprender a cozinhar as nossas refeições.

Ele seria o professor.



Rimo-nos muito nos dias seguintes, mas o meu pai aprendeu a fazer um arroz de tomate delicioso, de chorar por mais!





Num belo dia, ficámos a saber que o bicho ficou mais fraquinho e já não deixava tantas pessoas doentes. Parecia que ainda andava por aí, mas conseguimos mesmo estragar-lhe os planos.

As pessoas estavam muito felizes!



Cá em casa, resolvemos fazer uma festa!

O papá convidou a família da Madalena para jantar...
E foi ele que cozinhou tudo!

Fez um enorme banquete!



Agora, o papá faz o jantar todos dias. Logo ele, que era tão trapalhão e nem sabia estrelar um ovo! E eu adoro cozinhar com o papá...

O bicho verde ensinou a nossa família a fazer as tarefas cá de casa em conjunto, como se fosse um jogo. Às vezes, o pai e a mãe até se esquecem que estão a fazer coisas aborrecidas e cansativas de adultos.



Fico tão contente de os ver juntinhos e aos abraços que nem precisam de me mandar para a cama depois do jantar. Sou eu que fujo e vou dormir cedo para não assistir a tanto mel!





Já ouviram falar de um bicho verde que ensina os pais das crianças a cozinhar?

O livro “O bicho verde ensinou o papá a cozinhar” conta-nos a história de Laura e de um bichinho verde que, viajando pelo mundo, o deixou de pernas para o ar. Num certo dia, o bicho verde deixou a mãe de Laura adoentada, e foi o pai de Laura quem passou a cuidar de tudo lá em casa. Mas havia um problema — ele não sabia cozinhar!

Através das peripécias vividas pela Laura e pelo seu pai que quis aprender a cozinhar, esta história mostra-nos como as figuras parentais e cuidadoras podem assumir responsabilidades equitativas na educação e no cuidado das crianças e, assim, contribuir para a construção de um mundo pós-pandémico mais consciente da necessidade de práticas de igualdade e de cuidado.

